

Joaquim de Almeida

3.2. Instrumentos da construção das ideias

O ensino da Arquitectura, em resultado das mudanças introduzidas por Bolonha, fragmentou os planos de estudo e descaracterizou os instrumentos de ensino aceites e consolidados. Confrontar, a actual realidade, neste momento de mutação, as suas metodologias, instrumentos e resultados, observando as suas transformações e permanências, implica uma reflexão eficaz, cujo objectivo é a melhoria do processo de ensino (Labarta, 2011, p. 8-9).

A aprendizagem da Arquitectura, a sua condição criativa, não se realiza sem uma convicção actualizada, do próprio conteúdo do ensino, que permita a possibilidade do errar da trajectória. O projecto continuará a ser central no ensino da arquitectura, campo experimental, autónomo e auto-referencial que incentiva o estudante a desenvolver a capacidade crítica, introduzindo os argumentos que possibilitam a aquisição progressiva de destreza formal, a partir de didácticas reconhecidas que lhe confirmam a capacidade de dar ordem às “coisas” (Bergera, 2011, p. 10-15). No entendimento da individualidade, da obra de arquitectura e do reconhecimento das razões subjacentes ao acto de projectar, procuramos (re)encontrar os métodos e instrumentos capazes de estabelecer as “certezas” indispensáveis ao sentido da arquitectura produzida. Os princípios estruturantes, os instrumentos de composição do projecto e comunicação, utilizados na construção da ideia, configuram-se como síntese de elementos capazes de informar o seu conteúdo.

A arquitectura é feita de adições sucessivas, onde nada é autónomo, depende da complexidade das suas transfigurações que só a transforma quando as sínteses que se adivinham ou supõem alcançam o equilíbrio, a universalidade, relacionando todos os elementos que constroem a arquitectura, num processo em que o todo e as partes se criam e influenciam reciprocamente, sustentando a reflexão e a produção arquitectónica contemporânea (Siza, 2009, p. 85). Deste modo, o processo de aprendizagem exige um método e um treino projectual que permita descobrir a “ordem interna” dos mecanismos formais para, (re)apreende-los e projectar a partir da memória informada (Labarta, 2011, p. 34-46). Neste domínio, os instrumentos de ensino da arquitectura têm persistido como um aspecto fundamental a que se associam, novos saberes e técnicas

e novos meios de representação e comunicação, na (re)formulação das metodologias de construção das ideias do projecto (Milani, 2010, p. 1-8).

A escola constitui-se, neste contexto, como o local privilegiado para o impulsionar da visão crítica, de contraposição e do desejo de transformação da prática disciplinar. A escola é também o centro de reverberação dos impulsos arquitectónicos que se desenvolvem na prática da profissão, assimilando-os e transformando-os em metodologias de aprendizagem que sujeitas ao seu crivo crítico, retornam como veículos de transformação à actividade profissional, renovando-a constantemente. Esta relação de complementaridade entre ensino e prática profissional transforma a Arquitectura, a partir de dentro da disciplina, em novas metodologias de concepção do projecto, que são transportadas para o exterior e, no sentido inverso, colhe os frutos, resultantes da aceleração dos tempos, que a prática da profissão tende a incutir ao meio do ensino, permitindo o renovar do entusiasmo que, por contingências próprias, a exigência da prática da profissão tende a desanimar. “(...) a escola é generosidade e apetência de utopia (...) significa aprendizagem, abrigo, ponto de partida, eclipse da quebra de vontade” (Siza, 2009, p. 126).

O colóquio **Teaching through design: International Colloquium on Design Studio Education** pretendia, em tempo de crise no ensino e na prática profissional, debater e relançar o debate sobre os instrumentos de construção do projecto, observar a sua universalidade e as transformações que resultam da evolução natural da multiplicidade e interdisciplinaridade das temáticas e pensamento da arquitectura contemporânea, procurando reencontrar as “sólidas” razões que presidem à aprendizagem da prática da disciplina. As comunicações propostas ou apresentadas resultam, em grande medida da actividade de ensino, na área da Arquitectura, mas também, da observação crítica de como estes instrumentos são adoptados e utilizados na prática profissional, verificando a relação de reciprocidade entre os dois tempos da aprendizagem da disciplina.

Na comunicação “Querido diário – A urgência da transversalidade do diário gráfico no tempo e trabalho autónomo do ensino Pós-Bolonha”, Shakil Yussuf Rahim, propunha-se observar as potencialidades próprias do **Diário Gráfico** e a sua autonomia como

instrumento pessoal de investigação. O diário gráfico, entendido como instrumento pessoal de compilação da experiência, escrito e desenhado, enquanto suporte da construção da memória, ou suporte instrumental e analítico dirigido à prática do projecto, assume a função de registo contínuo e interligado de investigação, centro de integração da aprendizagem individual e autónoma, dos estudos de arquitectura, de pesquisa espacial e gráfica e de transferência heurística interdisciplinar, mediador entre o registo de observação e as combinações experimentais e criativas do projecto (Rahim, 2012, p. 39). O diário gráfico constitui-se, deste modo, como precioso instrumento que, a partir do registo do real e do sonho estimula a construção de uma “linguagem própria”, intimista, de pensar e imaginar, fixando em fragmentos disponíveis à transformação posterior, a Arquitectura do desejo e do real “(...) Apreendemos desmedidamente; o que aprendemos reaparece, dissolvido nos riscos que depois traçamos” (Siza, 2009, p. 50).

Na comunicação, “Sobre o ensino do desenho, para aprender a pensar arquitectura”, Teresa Belo Rodeia, equaciona o **Desenho**, como processo de pensamento. Procura na sua comunicação observar a dimensão epistemológica do desenho no ensino da arquitectura, procurando clarificar as relações de reciprocidade estabelecidas entre representação e pensamento. O desenho como processo de mediação entre pensamento e realidade, instrumento preferencial da dimensão intelectual, elemento estruturador do pensamento permitirá superar a distância entre invenção e realidade, do desenho de observação ao desenho de especulação (Rodeia, 2012, p. 37). A observação dos seus códigos de representação e comunicação, do desenho diagramático e abstracto ao desenho figurativo e de representação, enquanto instrumento mental de antecipação, fixa as qualidades compositivas da ideia de forma e de espaço no projecto.

Na comunicação, “Por que é que os alunos fazem tantas maquetas? Sobre o alcance da maqueta no ensino de projecto de arquitectura”, João Miguel Couto Duarte, equaciona a utilização da **Maqueta**, como um dos instrumentos que actualmente adquire mais protagonismo, no ensino da arquitectura, pela sua disponibilidade para a visualização imediata que, a partir da manipulação de uma materialidade específica, é transformada na forma e espaço de uma arquitectura proposta. A maqueta como instrumento de aprendizagem desde uma condição abstracta de concepção à sua condição figurativa e de apresentação, adoptada desde a definição de intenções iniciais até à apresentação final permite, a exploração de lógicas formais e geométricas complexas, a clareza comunicativa e a aproximação tridimensional ao “objecto” arquitectónico (Duarte, 2012, p. 36). A maqueta é instrumento de representação eficaz, no processo de comunicação da imagem arquitectónica proposta, próxima do palpável, à medida que ampliamos a escala, mas também assume a especificidade de modelo de estudo abstracto, na construção das ideias de arquitectura. A maqueta privilegia, em simultâneo, a visão externa instrumental abstracta e a aproximação ao real, a aproximação à ideia de forma ou de espaço, entendendo a forma como visão externa e o espaço como a leitura da condição interna, da construção do projecto.

Na comunicação, “Digital Challenges in Architectural Education”, João Pedro Sousa, a partir da experiência pedagógica desenvolvida na FAUP, equaciona **os instrumentos digitais**, de computação geométrica e produção digital que se configuram como espaço para o pensamento e concepção, como mecanismos, para a materialização do projecto sem a mediação da representação física (Sousa, 2012, p. 38). Os sistemas computacionais de modelação espacial e formal, do projecto, transformados em processos autónomos em si mesmo, introduzem novos paradigmas na construção e no pensamento do projecto, avançando para além do seu uso mais frequente, transpondo a simples representação virtual (Bovelet, 2010, p. 75-84).

As didácticas de ensino mencionadas, os instrumentos, diário gráfico, desenho, maqueta e instrumentos digitais, têm em comum partir da experiência prévia, da dimensão formal do projecto e dos argumentos que definem a disciplina. Actos de previsão, onde a criatividade resulta do associar da experiência instintiva que a partir de modelos reconhecíveis permitem entender a Arquitectura como uma realidade com sucessivos níveis de profundidade. Só através de uma preparação consciente e reflexiva, mediante uma atenta educação da percepção, podemos entender e reconhecer de maneira exacta a transformação da realidade que frequentemente pode passar despercebida (Herrenas, 2011, p. 46-53). Como nos refere Siza em dois momentos, sobre a condição primordial da construção das ideias do projecto, “(...) Desenho é projecto, desejo, libertação, registo e forma de comunicar, dúvida e descoberta, reflexo e criação, gesto contido e utopia. Desenho é inconsciente pesquisa e é ciência, revelação do que não se revela ao autor, nem ele revela, do que se explica noutro tempo. Liberto, o desenho conduz ao desenho consciente” (Siza, 2009, p. 273), “(...) O projecto está para o arquitecto como o personagem de um romance está para o autor: ultrapassa-o constantemente. É preciso não o perder. O desenho persegue-o. (...) O desenho é o desejo da inteligência” (Siza, 2009, p. 25).

Concluindo, o ensino da Arquitectura, como processo de transferência da imaginação à realidade, é uma aprendizagem que passa pela complexidade da experiência e dos vários instrumentos utilizados na sua formulação, a partir dos quais, se (re)formula a forma e se ajustam procedimentos, um processo nunca finito.